



A oferta de sentido da Nova Acrópole em Brasília: uma perspectiva sociológica

Anita Cunha Monteiro¹

Palavras-chave: filosofia, teosofia, religião, Nova Acrópole.

Resumo: Com o objetivo de compreender a oferta de sentido da Associação Nova Acrópole em Brasília, este artigo se debruça sobre as informações disponíveis nos folhetos, no site institucional e nas perspectivas de duas professoras da instituição. A partir dessas fontes, a *filosofia à maneira clássica* é abordada na perspectiva da sociologia da religião como um dos principais pilares da mensagem institucional da Nova Acrópole. Dessa maneira, trata-se de pesquisa qualitativa e descritiva, construída por meio da observação participante e de entrevistas semiestruturadas, durante quatro visitas à sede da associação em Brasília. Assim, são abordadas ainda a organização administrativa e a forma de inserção da Nova Acrópole na sociedade brasiliense. A reflexão sobre os dados qualitativos aponta que as características da instituição mesclam os perfis de escola e templo, dialogando assim com as necessidades de uma sociedade capitalista contemporânea. Desse modo, pretende-se contribuir para o aprimoramento do conhecimento sobre o pensamento religioso no Distrito Federal.

1. Graduada em Ciências Sociais com bacharelado em Sociologia e Antropologia pela Universidade de Brasília, no momento de envio do artigo, em agosto de 2009. E-mail: monteiro.anita@yahoo.com.br

Introdução

Um dos principais objetivos desse trabalho se alicerça na busca de compreender o surgimento de novas instituições que propõem uma filosofia ou modo de vida simultaneamente confortante e crítico em relação ao estilo de vida urbano contemporâneo. Nesse contexto, a Nova Acrópole é instituição que se intitula “independente e alheia a qualquer influência religiosa, política ou social” (Site Institucional, 2009) e afirma que se destina à formação filosófica de crianças, jovens e adultos. Fundada em 1957, pelo argentino Jorge Angel Livraga Rizzi, com o nome de Associação Cultural Nova Acrópole, a história da instituição chega a se confundir com a de seu fundador na medida em que ambas percorreram vários países e continentes.

Há 46 anos, Jorge Livraga iniciou um projeto artístico e cultural que aproximou alguns jovens universitários das ideias discutidas pela teosofia, particularmente relacionadas às obras de Helena Petrovna Blavatsky. Nascido em 1930, Jorge Livraga tinha apenas 15 anos de idade quando a morte de seu pai despertou o interesse pela filosofia esotérica. A partir de então,

(...) entrou em contato com a Sociedade Teosófica Argentina, onde iniciou seus estudos sobre História das Religiões e Simbologia, conciliando-os com sua formação na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. (Site institucional, 2009)

Cinco anos mais tarde, tornou-se professor de filosofia e fundou a revista *Estudos Teosóficos* que colaborou para divulgação das obras de Helena Petrovna Blavatsky entre os estudantes universitários daquela época. Seu trabalho ganha maior repercussão em 1957, quando o teósofo Sri Ram o ajuda na criação da Associação Nova Acrópole, cujo objetivo já era disseminar a “filosofia à maneira clássica”, no modelo das escolas eclética e a platônica entre os jovens. É possível perceber que a “filosofia à maneira clássica”, que é fundamentada na





aplicação prática do conhecimento, constitui um dos principais pilares metodológicos da Nova Acrópole. Segundo uma das professoras entrevistadas, ele se diferencia completamente do método utilizado nas escolas reconhecidas pelo Ministério da Educação por tentar encontrar uma aplicação direta dos conceitos filosóficos na vida cotidiana.

A ideia dele (Livraga Rizzi) era fazer uma escola de filosofia que pegasse o conhecimento prático, uma escola de filosofia mesmo. (...) seria pensar nas necessidades que o ser humano tem no dia a dia, porque a filosofia de alguma maneira está vinculada com ela. Por exemplo, eu necessito de coerência, de equilíbrio emocional, muitos sofrimentos são causados por falta de equilíbrio emocional. O conhecimento pode me ajudar a lidar com isso. Então, a filosofia é uma ponte entre o conhecimento e as necessidades práticas da vida do homem (Atenas).

A partir da expansão geográfica da Nova Acrópole, os objetivos pessoais de seu fundador se tornam cada vez mais institucionalizados, estando presente em “mais de quarenta países e reunindo mais de 10.000 membros ativos e centenas de milhares de simpatizantes, que se expressam em mais de quinze idiomas e representam uma ampla gama de convicções religiosas, origens étnicas e heranças culturais” (Site Institucional, 2009). Assim, a associação se instala no Uruguai, chegando a vários países da América do Sul, como México, Peru, Chile, Venezuela e Brasil. Em 1972, Jorge Livraga Rizzi levou sua proposta filosófica “à maneira clássica” à Europa, transformando-a em uma organização internacional com sede em Bruxelas, na Bélgica, antes de falecer em Madrid em 7 de outubro de 1991.

Material utilizado e métodos

Este trabalho foi resultante da pesquisa realizada durante a disciplina sociologia da religião, na Universidade da Brasília, e foi construído

ao longo de quatro visitas à sede da Nova Acrópole durante os meses de abril a junho de 2009. Nessa oportunidade, foi possível conhecer as dependências físicas da associação, participar de uma aula inaugural do curso de filosofia e assistir à palestra *Diálogos sobre o banquete de Platão*, realizada no café da instituição. Essas visitas possibilitaram, ainda, a realização de entrevistas guiadas por tópicos com duas professoras, identificada pelos pseudônimos de Minerva e Atenas. Portanto, trata-se de pesquisa qualitativa amparada nas técnicas de observação participante e entrevistas guiadas por tópicos (COLOGNESE; MÉLO, 1998). Em caráter complementar, foram utilizadas as informações disponíveis no site e nos folhetos institucionais.



A sede da Nova Acrópole em Brasília

Situada no lote 18 do Centro de Atividades 9, no Lago Norte, a Associação Cultural Nova Acrópole possui personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, mantendo-se de mão de obra voluntária de seus participantes. Dessa forma, todos os recursos adquiridos por meio de suas atividades são reinvestidos na própria instituição.

A sede de Brasília é composta basicamente por duas construções contemporâneas em formato retangular e simétrico, num terreno de aproximadamente 4.000 m², cercado por grades e o acesso se dá por meio de um portão eletrônico. No prédio da frente, funciona o Instituto Médico Seraphis, cuja proposta é oferecer “uma medicina integral que busca resgatar a harmonia do ser humano, através de uma proposta ética e filosófica” (Site Institucional, 2009). A clínica oferece consultas a toda a comunidade com preço médio de oitenta reais nas especialidades de clínica geral, acupuntura, homeopatia, psicologia, nutrição, odontologia etc. Dessa forma, a proposta é oferecer um sistema de cura que integre vários modelos de medicina, equilibrando mente e corpo.



A atmosfera moderna e despretensiosa da construção externa dá lugar à imponência neoclássica do jardim de inverno no *hall* principal da clínica. Nesse jardim, situa-se uma estátua de aproximadamente três metros de altura do deus Seraphis, pai da medicina na cultura greco-egípcia. Dessa estátua, nasce uma espécie de córrego artificial entre um gramado verde que deságua num espelho de água. Desse jardim, é possível avistar as portas dos consultórios médicos localizados no mezanino. Toda essa arquitetura integra a proposta alternativa da clínica de curar e prevenir por meio de uma “medicina integral” (Site Institucional, 2009).

Esse tipo de medicina, segundo Minerva, desenvolve um conceito de cura baseado na integração entre mente e corpo, a partir de modelos medicinais de várias culturas¹. Nesse sentido, a estátua do deus Seraphis no *hall* principal da clínica representa que a instituição busca oferecer à população uma proposta de medicina que contempla a perspectiva da mitologia clássica no seu modelo de cura.



Figura 1: Hall do Instituto Médico Seraphis. Fonte: <<http://www.nova-acropole.org.br/acropole.htm>>

1. Segundo essa professora, a concepção do modelo de medicina oferecida pelo Instituto Médico Seraphis não pode ser considerada holística, pois não é um novo modelo de medicina, mas sim uma proposta de cura que busca integrar várias visões medicinais.

Saindo do Instituto Seraphis, um caminho de aproximadamente dez metros, coberto por um toldo branco, atravessa o estacionamento e dá acesso à construção da parte de trás do terreno. Com aparência mais antiga, essa construção tem dois andares. No *hall* de entrada no térreo, há uma loja de roupas e artesanatos elaborados no próprio ateliê da instituição, brechó, salas de aulas e recepção. Uma escada de concreto redonda dá acesso ao piso superior onde se localiza o café, a livraria, a biblioteca, o ateliê, o dojo e as demais salas de aula. O *hall* principal é decorado com tapetes, poltronas e móveis de madeira e encontra-se separado por uma porta de vidro transparente do jardim externo onde se localiza uma estátua de gesso do deus Apolo, também conhecido como deus do Sol.

Mais uma vez, a escultura de um deus que demarca simbolicamente o espaço da instituição. A imagem de um deus, ao invés de um filósofo, parece comunicar a relação entre o significado da filosofia oferecida e a mitologia grega. Essa escultura, assim como a do deus Seraphis na clínica, demarca com heterogeneidade o espaço da instituição com palavras de autoajuda coladas no piso branco, pontos de interrogação dependurados nas entradas das portas, incenso e música ambiente.

Para Eliade (1907), o espaço físico de uma instituição religiosa é formado por símbolos diacríticos cujos significados se remetem à tentativa de reconstrução do ambiente sagrado. No caso da Nova Acrópole, o mundo clássico greco-romano pode ser concebido como um ambiente sagrado, uma vez que reúne os principais deuses e filósofos da antiguidade ocidental. Dessa forma, o remonte desse espaço caracteriza uma tentativa de aproximação, de forma profundamente nostálgica, do ambiente clássico greco-romano.

Por outro lado, a estátua do deus Apolo tocando uma harpa representa, para uma das professoras, apenas uma coincidência. Segundo ela, a obra é uma herança da escola de artes e música Tristão e Isolda, que funcionava no mesmo local da Nova Acrópole há alguns anos.





Tristão e Isolda é o nome internacional do instituto de artes. Por isso, foi colocado Apolo lá na frente, depois veio a filosofia, que é mais associada à Atenas. Só que aí ficou, mas Apolo não tem muito a ver com o simbolismo da Nova Acrópole em si. Bom, os personagens míticos têm todos a ver com a Nova Acrópole, mas com a sabedoria, Atenas é quem é a representante, que é a imagem mais próxima de filosofia para o Ocidente. Apolo é associado às artes, à música, à harmonia (Atenas).

Nessa perspectiva, mesmo sendo uma herança da escola de música, o deus Apolo é reconhecido pela professora como um símbolo da mitologia clássica e parte do universo cosmológico e da proposta filosófica da Nova Acrópole.

A professora acrescenta que a instituição é frequentada por aproximadamente 178 alunos. Segundo Atenas, a idade dos frequentadores varia de quatro a oitenta anos, em atividades específicas para cada faixa etária. Discordando com as perspectivas das entrevistadas, que afirmam existir uma distribuição homogênea entre todas as idades, foi perceptível a presença majoritária de jovens entre 14 a 25 anos nas aulas de filosofia, de artes marciais e nas oficinas de teatro.

A equipe de professores é formada por aproximadamente por 20 integrantes e suas idades variam entre 28 e 60 anos, segundo Atenas. As professoras entrevistadas cujas idades são aproximadamente entre 30 a 43 anos possuem nível superior completo e se dedicam às atividades da Nova Acrópole há pelo menos três anos. Além de professoras de filosofia, ambas exercem atividades de coordenação e de direção. Os motivos que as levaram para a instituição são completamente diversos. Enquanto a primeira, Minerva, procurava uma explicação existencial para sua vida; a segunda, Atenas, foi convidada casualmente por um amigo a participar de uma aula experimental.

Em relação à organização administrativa da Nova Acrópole, a recepcionista informou que os membros da instituição podem atuar desde a limpeza, passando pelas funções administrativas, e até ministrar aulas. Segundo ela, para se tornar professor(a), é preciso terminar a sequência de

sete ciclos oferecidos pela instituição e fazer os cursos específicos como o de oratória, por exemplo. Os cursos são pagos e constituem o principal instrumento de transmissão da filosofia da Nova Acrópole, além de fornecer os recursos financeiros para a manutenção da instituição.

Todo o conhecimento filosófico da Nova Acrópole é sistematizado pela sede internacional que se mudou da Espanha para o Peru recentemente, segundo Minerva. Em âmbito nacional, as filiais das regiões Sul e Sudeste são coordenadas pela sede de São Paulo, enquanto que as filiais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste são dirigidas por Brasília. Mesmo assim, cada filial sistematiza esse conteúdo de acordo com a realidade local na forma de cursos, peças teatrais, palestras, festas e artes marciais, a exemplo do Ai Dô e do Aikidô.

Nessa perspectiva, a Nova Acrópole se mostra uma instituição fluida que, apesar de se classificar como de ensino, assume características de templo religioso. Assim, tem-se de um lado o discurso das professoras que classificam a instituição como de ensino filosófico “sem nenhuma inclinação religiosa”; e, de outro lado, símbolos diacríticos no espaço físico da associação que, da perspectiva sociológica, podem ser lidos como uma aproximação do sagrado. Dessa forma, para compreender a oferta de sentido da filosofia “à maneira clássica”, é preciso ter em vista como ela se apresenta à população na qual se insere.

O método da “filosofia à maneira clássica”: comparação e funcionalidade

Com o objetivo de explorar a perspectiva de ensino filosófico da Nova Acrópole, essa seção se debruça sobre os dados qualitativos obtidos junto aos membros da associação e da observação participante. Assim, a oferta de sentido da “filosofia à maneira clássica” é apresentada nesse trabalho segundo as informações institucionais com o auxílio da perspectiva da sociologia da religião.





Nesse sentido, a filosofia aplicada “à maneira clássica” é apresentada como um método nesse trabalho porque constitui uma forma de interagir, organizar, interpretar e explicar o mundo real. Diante disso, o método da filosofia da Nova Acrópole emprega duas ferramentas principais: a comparação e a aplicabilidade do conhecimento filosófico.

Em relação à comparação, a perspectiva de uma das entrevistadas destacou que o estudo de várias perspectivas religiosas e mitológicas é decisiva no entendimento da Nova Acrópole como instituição não religiosa. “Porque a gente estuda da filosofia antiga até a contemporânea, dentre essas, Helena Blavatski, filosofia oriental etc. Enfim, tudo que o homem concebeu em sua história (...), sem nenhuma conotação religiosa, sem nada. O que a gente busca é a sabedoria” (Atenas).

(Não há) nenhuma conexão com nenhuma religião. Inclusive, temos pessoas de várias religiões que passam por aqui e não compactuam (com a ideologia da Nova Acrópole), pois *nós fazemos estudo comparativo*. Nós estudamos islamismo, sufismo, hinduísmo, judaísmo, cristianismo, *então é uma filosofia teológica* que compara as religiões. Aqui somos ecléticos, estamos *dispostos a conhecer a filosofia de todos, mas aqueles mais fanáticos por alguma religião não compactuam*, não conseguem aceitar a possibilidade de aprender coisas com outras religiões. Até as chamadas religiões mortas da humanidade, a gente estuda. As ortodoxas, a tibetana que está quase morta, as religiões pré-colombianas (Atenas) [Ênfase da autora].

Já em relação à aplicabilidade do chamado aqui método da “filosofia à maneira clássica”, a mesma professora explica porque o conhecimento científico não é essencial para a vida humana. Desse ponto de vista, todo conhecimento deve ter uma utilidade prática para a vida cotidiana, além de sua aplicação técnica.

A inteligência abstrai ideias por trás das coisas. Então, exige reflexão, exige profundidade. Inteligência é isso. Você lê um monte de livros, você agrega um quantitativo, porque não tem qualidade. Então, fica raso, não fica essencial. Esse quantitativo não dá resposta para vida. É um adestramento para aplicações práticas. A filosofia tem isso. Ela fala explicitamente, é forma de abstrair as ideias. A verdadeira filosofia é isso. Abstrair as leis gerais e saber aplicar em coisas particulares.

Saber relacionar coisas aparentemente diferentes é um fenômeno de inteligência por excelência, não é treinamento (Atenas).

Nessa linha de raciocínio, a professora Minerva complementa que todo conhecimento emana de apenas uma fonte e se ramifica através das várias ciências e das mais diversas formas de conhecimento existentes no mundo. Segundo ela, a busca pelo reconhecimento no campo acadêmico, por meio de títulos, publicações e experiência, não faz sentido, se o indivíduo não consegue aplicar aquele conhecimento nos problemas da sua própria vida. Assim, o verdadeiro conhecimento é aquele aplicável a qualquer situação da vida, seja ela pessoal ou técnica. Portanto, apenas a “filosofia à maneira clássica” representa o verdadeiro conhecimento, e as ciências, inclusive as sociais, se localizam numa ramificação que se situa bem dentro da caverna, referindo-se ao mito de Platão. Portanto, quando questionada se o conceito de dádiva (MAUSS, 1974) auxiliava na compreensão do sentido da peça *Um presente para a vida*, na qual atuava os alunos da Nova Acrópole, Minerva responde negativamente.

Vamos evitar a comparação com a antropologia, a ciências sociais como um todo. Porque o conhecimento parte daqui (apontando para um desenho no quadro). Ele se ramifica, se ramifica (até ficar cada vez mais específico). Então, eu diria que as ciências sociais se localizam aqui, bem dentro da caverna (Minerva).

Portanto, a característica marcante da metodologia utilizada pela Nova Acrópole é extrair das teorias estudadas princípios gerais aplicáveis a qualquer situação prática.

Kant falava numa ponte do conhecimento, que aparentemente é teórico, para lidar com os problemas de convivência, problemas de dispersão, problemas de consumismo etc. Então, você faz uma lista de uns 20 problemas e vê se tem algum filósofo que falou sobre isso. Quais problemas eles apontaram? Será que essas soluções são atuais ou será que estão vencidas? Será que a filosofia vence com o tempo? Ou será que o que um filósofo falou há 500 mil, há 2 mil anos atrás ainda vale hoje? (Atenas).





Dessa forma, percebe-se que a explicação cosmológica da Nova Acrópole é voltada para o entendimento amplo dos fenômenos, ao invés da perspectiva acadêmica específica. Esse ponto de vista consiste numa tentativa de legitimar a fonte de conhecimento filosófica como a forma mais plausível de se entender o mundo. Nesse sentido, a filosofia “à maneira clássica” se propõe a ajudar as pessoas a saírem da caverna, uma vez que o conhecimento técnico, oferecido pelas escolas comuns, não ajuda o ser humano a entender verdadeiro sentido da vida.

Por exemplo, eu trabalhei no mutirão de construção dessa sede, nessa sala especificamente, aprendendo a *fazer reboco* aqui. Uma das coisas mais complicadas de fazer. Você joga a massa e ela cai, joga de novo e ela cai. Ai o pedreiro ensinava para a gente. Ele fazia com uma habilidade enorme. E o que eu percebi é que você tem que pegar a quantidade certa de massa com o impulso certo e jogar com a força certa. Ai, sim, ela cola. *Desse princípio que é a hora certa, a intensidade certa, eu posso abstrair um princípio geral e aplicá-lo numa outra situação prática.* Você já teve uma situação em que você tem que *dar um conselho* pra uma pessoa e que você não pode falar nem demais nem de menos. Você tem que a deixar falar um pouco para desabafar, mas também não pode deixar falar de mais, senão ela perde o controle. Então, você tem que saber a hora certa, a intensidade certa, tudo, e ai, sim, você diz exatamente o que a pessoa precisa ouvir (Atenas). [Ênfase da autora].

Dessa forma, todo o conhecimento técnico pode ser considerado “superficial”, não “essencial” e inútil para o ser humano, pois a sua aplicação é técnica, ou seja, apenas contribui para a resolução dos problemas a que se propôs. Assim, o verdadeiro conhecimento para a Nova Acrópole seria aquele mais abrangente, pautado em princípios gerais, e, portanto, mais útil à humanidade. Nesse sentido, a “filosofia à maneira clássica” é a ferramenta mais indicada para ter acesso a esse verdadeiro conhecimento.

O que a gente faz não é filosofia clássica, é filosofia à maneira clássica. Qual é a diferença? Os (estudiosos dos) clássicos têm uma ideia que é de Platão, que é: só é útil o conhecimento que nos torna melhores. E

você pode pegar esse princípio de ação e aplicar em qualquer filosofia. Eu adoro Kant, adoro Nietzsche, agora como eu estudo esses autores? *Usando a ferramenta que usava os clássicos.* Tudo isso para usar na minha vida. Essa é a maneira clássica, não é filosofia clássica. Se fosse filosofia clássica não tinha sentido (Atenas). [Ênfase da autora].



É nesse sentido que a associação se aproxima do modelo de uma instituição educacional.

A perspectiva religiosa da Nova Acrópole

Embora a utilização das ferramentas da comparação e da extração de princípios gerais para aplicabilidade prática aproxime a Nova Acrópole do modelo de uma instituição educacional, outras características a identificam como religiosa. Uma delas é a heterogeneidade de seu espaço físico, conforme explorado sob a perspectiva de Eliade (1971).

Outra característica é o contato com vários pensamentos religiosos de diversas culturas que em alguma medida traz para a perspectiva da associação a explicação sócio-religiosa. Dessa forma, o fato de a Nova Acrópole não optar por determinado pensamento sócio-religioso não a faz uma simples escola de filosofia. Assim, é possível que sua oferta de sentido constitua um pensamento sócio-religioso *sui generis*, diferente daqueles tradicionalmente religiosos. Além disso, a instituição não é reconhecida pelo Ministério da Educação e o discurso de seus integrantes destaca que a filosofia ali ensinada é diferente da filosofia ensinada em outras escolas.

Para Durkheim (1989), a definição de religião passa pela ideia de sobrenatural, amparada na crença na onipotência de alguma coisa que supere a inteligência humana. Assim, os fenômenos extraordinários, excepcionais ou extranaturais, não explicados pela racionalidade humana, estão fora do curso ordinário das coisas, sendo explicados pela perspectiva religiosa para ganhar sentido dentro da lógica humana.



“Não existe acaso, existe uma inteligência por trás de tudo. Onde vemos caos, na verdade, não conseguimos encontrar a lógica por trás daquilo. A nossa ignorância não entende, mas a filosofia à maneira clássica busca nos ensinar essa lógica” (Minerva).

Apesar de surgir do conceito de sobrenatural e do inexplicável, segundo Durkheim (1989), o discurso religioso não é arbitrário. Pelo contrário, ao se colocar superior à racionalidade humana, o pensamento religioso se define em oposição a tudo que é comum, cotidiano e humano, transformando o mundo real em impuro, em imoral e até em profano.

Para Durkheim (1989), esse é o traço distintivo do pensamento religioso: é a divisão do mundo em dois domínios, compreendendo um sagrado e outro profano. Assim, a dimensão sagrada, inefável e moralmente ideal do mundo para Nova Acrópole são as mitologias estudadas pela instituição. Enquanto isso, o mundo real, o conhecimento acadêmico contemporâneo, produzido pelos seres humanos, representa o lado profano do mundo.

Essa dualidade entre sagrado e profano aparece nitidamente no entendimento de duas racionalidades para a Nova Acrópole: uma humana e outra extra-humana. A primeira, representada pelo pensamento científico, não responde a todas as necessidades humanas; e a segunda, entendida como uma racionalidade superior, constitui a perspectiva filosófica clássica.

Sobre a esfera sagrada do mundo concebida pelas religiões, Marx (1843) afirma que é apenas mais uma criação humana: “A religião não faz o homem, mas, ao contrário, o homem faz a religião” (MARX, 1843, p.1). Assim, a religião representa, para esse autor, uma construção social que dificulta a percepção da verdadeira realidade.

Por esse ponto de vista, é possível associar o pensamento religioso à incompreensão ou à percepção irreal do mundo. Seria preciso, portanto, que a humanidade se deparasse com a realidade fora do pensamento sócio-religioso para tentar buscar soluções para os seus

problemas. Dessa forma, Marx (1843) define a religião como um véu nebuloso entre a humanidade e a dura realidade na qual ela está inserida, ou seja, uma forma de conforto para os oprimidos suportarem sua condição diária. Portanto, a perspectiva da sociologia da religião se opõe aos discursos das entrevistadas.

Diante de disso, a Nova Acrópole também pode ser identificada como um templo, por apresentar manifestações de pensamento e sinais sócio-religiosos. Portanto, essa plasticidade da instituição entre templo e escola; e de sua filosofia, que ora oferece conforto existencial ora conhecimento comparativo, constitui um traço distinto da associação. E essa fluidez entre o sagrado e o mundano pode ser, em parte, explicado pelo processo de secularização.

Secularização e contemporaneidade

Segundo Berger (1985), o conceito de secularização é uma ferramenta essencial para a compreensão de instituições religiosas recentes. Diante de vários significados atribuídos à palavra secularização ao longo dos séculos por diversas instituições e atores sociais, esse autor entende que essa palavra caracteriza “o processo pelo qual os setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e dos símbolos religiosos” (BERGER, 1985, p. 119). Esse conceito facilita a percepção da diversidade do pensamento sócio-religioso, concebendo-o como um fenômeno “socioestrutural” que culminou na separação entre Igreja e Estado.

Tendo isso em vista, a Nova Acrópole é uma instituição recente, quando comparada às instituições religiosas tradicionais, e se insere no contexto resultante desse processo separatista que fomentou o surgimento de instituições religiosas modernas mais flexíveis e adaptáveis às necessidades humanas da contemporaneidade. Nesse sentido, a “filosofia à maneira clássica” oferece um sentido para a vida de





muitos indivíduos que não encontram satisfação e conforto imateriais nas instituições tradicionalmente religiosas ou de ensino. Assim, o conceito de secularização (BERGER, 1985) ajuda a entender a oferta de sentido da Nova Acrópole com sua proposta de ensino sócio-religioso. Portanto, a associação busca dialogar com as necessidades da sociedade capitalista contemporânea, rejeitando o rótulo de instituição tradicionalmente religiosa. Essa forma de apresentação institucional pode ser uma resposta à “crise de credibilidade” das religiões tradicionais (BERGER, 1985).

Nessa linha de raciocínio, a filosofia da Nova Acrópole disponibiliza para a sociedade mais uma forma de lidar com as dificuldades de natureza existencial que a vida oferece. Portanto, entende-se que a “filosofia à maneira clássica” é mais um instrumento de conforto para situações difíceis da existência humana.

Considerações finais

Tendo em vista os dados qualitativos analisados, o sentido da filosofia ofertada pela Nova Acrópole, em Brasília, insere-se na rotina urbana dessa cidade, ao oferecer teatro, palestras, aulas de arte marcial, filosofia, mitologia etc. para transmitir os princípios gerais da “filosofia à maneira clássica”. Assim, o sentido oferecido por essa filosofia à sociedade brasileira pode ser vista como um método alternativo de lidar com os problemas cotidianos.

Além disso, o formato organizacional e administrativo encontrado pela Nova Acrópole para se inserir nessa sociedade é mais uma maneira de responder às necessidades contemporâneas de busca por conhecimento, não respondida pelas instituições tradicionalmente religiosas ou de ensino.

Por fim, a Nova Acrópole pode ser considerada uma organização sócio-religiosa, humanista e filosófica que utiliza uma metodologia

definida como “filosofia à maneira clássica” para responder às necessidades imateriais humanas. Ao aplicar essa metodologia, a associação integra numa mesma organização as características de escola e de templo, definindo-se de maneira única.



Referências

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2ª Edição. São Paulo: Paulus, 1985. (Coleção Sociologia da Religião 2).

COLOGNESE, S. A., MÉLO, J. L. B. de. “A técnica de entrevista na pesquisa social.” In: *Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas*. Cadernos de Sociologia. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998. Vol. 9.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989. 536 p.

ELIADE, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris: Gallimard, 1971. 186 p. (76).

MARX, K. *Introdução à crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 1843. Disponível em <<http://www.culturabrasil.pro.br/zip/criticadafilosofiadodireito.pdf>>.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Ed 70, 1988. 289 p. To: essai sur le dom.

WEBER, M. “A psicologia social das religiões mundiais.” In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

NOVA ACRÓPOLE. Site Institucional. <<http://nova-acropole.org.br>>.